

DISTOCIA MATERNO-FETAL EM ASININO: FETO COM HIDRANENCEFALIA - RELATO DE CASO

Weila Gabriele Cunha^{1*}, Gabrielle Reis Pimentel¹, Josielle de Oliveira Farnese Alves¹, Layanne Bárbara de Souza¹,
Richard Deyber Guimarães de Carvalho² e Patrícia Alves Dutra².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Arnaldo Janssen - Uni Arnaldo – Belo Horizonte/MG – Brasil – *weila.gabrielebh@gmail.com

²Médico Veterinário no Hospital Veterinário do Centro Universitário Arnaldo Janssen – Belo Horizonte/MG – Brasil

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Arnaldo Janssen - Uni Arnaldo – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

O parto é um processo que se desenvolve gradativamente, marcado por alterações morfológicas e funcionais do animal gestante e do próprio feto, se dividindo em 3 fases: a fase de preparação caracterizada pelas contrações uterinas prolongando-se até o rompimento das membranas fetais; a fase de expulsão do produto finalizada com a expulsão completa do potro, e a terceira e última fase do parto com liberação das membranas fetais.¹ Quando o parto é anormal, é denominado parto distócico podendo ser de origem materna por anomalias pélvicas, vulvares, estreitamentos vaginais; uterinas como flexões, desvios, atonia, hipertonia; e problemas cervicais que em casos de estresse excessivo podem ocorrer dilatação cervical insuficiente, dificultando a passagem do feto. Distocias de origem fetal ocorrem mais comumente e são associadas à estática fetal anormal, ao tamanho e comprimento dos membros, cabeça e pescoço do potro além da presença de malformações fetais, como a hidranencefalia⁴

Hidranencefalia é uma malformação congênita e severa do cérebro, onde os hemisférios cerebrais estão totalmente ausentes, substituídos por um fluido envolto por um saco. Se desenvolve, normalmente, em decorrência de infecção viral ou por outro agente infeccioso uterino. O líquido cefalorraquidiano fica retido em locais onde o tecido cerebral tenha sido lesionado ou inflamado, e normalmente não há aumento na pressão do líquido cefalorraquidiano.³

A apresentação deste caso destaca a necessidade da avaliação durante a gestação de asininos para prevenir complicações como a distocia materno-fetal, entendimento das complexidades associadas, especialmente em casos raros de hidranencefalia e levantar discussões sobre estratégias de manejo e intervenção.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Foi encaminhada ao Hospital Veterinário do centro universitário UniArnaldo em Belo Horizonte-MG, uma jumenta em trabalho de parto apresentando feto insinuado (Fig. 1). Durante a anamnese não foi informado o tempo de trabalho de parto em que o animal se encontrava. O exame obstétrico foi realizado por meio da palpação intravaginal para verificação da viabilidade do produto e progresso do parto, bem como diagnóstico da estática fetal que estava com apresentação longitudinal anterior, posição dorsal anterior e atitude fetal estendida. A avaliação obstétrica indicou espaço insuficiente para a expulsão natural do feto devido a anormalidade fetal, pois o tamanho da estrutura não identificada era incompatível com a dilatação da pelve para a passagem. Diante da distocia e da inviabilidade do parto normal, foi sugerido ao proprietário o procedimento de cesárea de emergência como medida terapêutica a para preservar a vida da mãe. No entanto, o proprietário recusou a cirurgia em função do custo elevado. Ademais, foi constatado o óbito do feto e se optou pela fetotomia.

Para realização da fetotomia, foi feita anestesia epidural⁸ com Cloridrato de xilazina 2% (Xilasín®), na dose de 1ml para cada 100kg. Para analgesia foi utilizado flunixin meglumine (Banamine®) na dose de 1,1mg/kg, associado a dexametasona (Dexaflan) na dose de 3mg/100kg. Para corrigir a desidratação foi realizada reposição hidroeletrólítica com soro ringer com lactato.

No início do procedimento, foram observadas complicações devido ao tamanho desproporcional do feto, este em apresentação longitudinal anterior, o que dificultou a realização efetiva da fetotomia. Durante nova palpação, constatou-se uma massa amorfa, sugerindo tratar-se da região craniana do feto. Após aproximadamente duas horas de tentativas infrutíferas para

remover o feto através da fetotomia devido a presença de uma “massa” não identificada a princípio, a qual, impedia a entrada do fetótomo, foi realizada uma incisão na mesma com lâmina de bisturi, a qual resultou na expulsão de uma grande quantidade de líquido até então não identificado. Esse procedimento facilitou a remoção do produto fetal (Fig. 2).

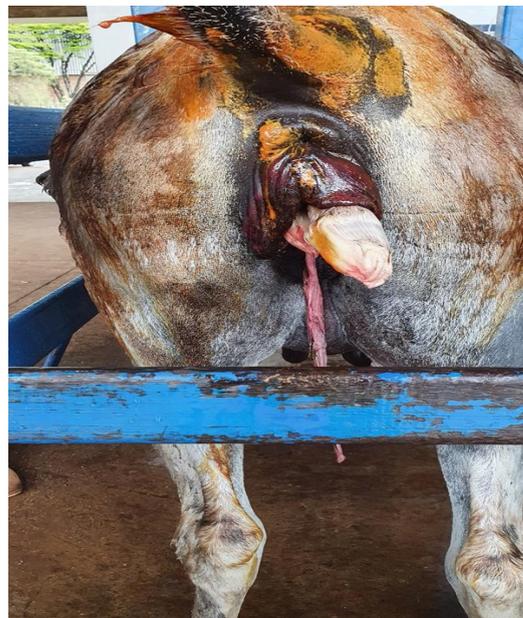


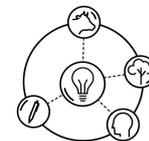
Figura 1- Jumenta com feto insinuado no canal de parto, identificado um dos membros anteriores. (Fotos cedidas pela Clínica de equinos do HV-UniArnaldo)



Figura 2 - Feto após retirada imediata, apresentando malformação/deformação não identificada do crânio. (Fotos cedidas pela Clínica de equinos do HV-UniArnaldo)

Após a retirada completa do feto, foi constatada hemorragia moderada na fêmea decorrente de uma laceração uterina. O tratamento incluiu lavagem do útero com solução salina estéril e a administração de gentamicina (Gentomicin®). Posteriormente, foi instituída uma terapia antimicrobiana com Sulfanilamida (Ibatrim®) na dose de 16mg/kg associado a Penicilina (Penfort®) na dose de 1ml/8kg, alinhada com protocolos estabelecidos para o manejo de inflamações/infeções uterinas em grandes animais após procedimentos invasivos⁹. Após estabilização do quadro clínico da fêmea, o animal foi liberado.

O diagnóstico de hidranencefalia foi confirmado por meio de avaliação macroscópica do crânio do feto, e posteriormente confirmado pela necropsia, que revelou a ausência de formação dos hemisférios cerebrais, característica típica desta condição, considerada a forma mais grave de comprometimento cerebral, o



que resulta no desenvolvimento inapropriado do cérebro⁵ (Fig 3 e 4).



Figuras 3 e 4- Necropsia do feto onde foi possível identificar a inexistência do encéfalo e malformação do crânio, sendo identificados apenas os ossos da maxila e mandíbula. (Fotos cedidas pela Clínica de equinos do HV-UniArnaldo)

Um estudo retrospectivo⁵ demonstrou a ocorrência de hidranencefalia em cerca de 3% dos potros que são eutanasiados ou que falecem em vida fetal ou ao nascer, entretanto, no caso apresentado o feto foi considerado natimorto. As particularidades anatômicas do sistema reprodutivo das éguas contribuem para a baixa ocorrência das distocias, apresentando pelve do tipo mesatipélvica caracterizada por base óssea plana e formato circular e vias fetais moles com capacidade de ampla distensão, seguidas por rápidas e intensas contrações uterinas que aceleram o parto eutócico⁷. Isso justifica distocias de origem fetal serem maiores em éguas, exemplificadas pelas falhas no posicionamento, desproporção feto-pélvica e malformações como o caso apresentado⁶.

A hidranencefalia é a forma mais grave de destruição cortical bilateral, sendo caracterizada pela perda da cavitação em áreas normalmente ocupadas pela substância branca dos hemisférios cerebrais. A lesão se desenvolve nos estágios iniciais da vida fetal e antes da organização completa do córtex. Ademais, quando a lesão se apresenta nestes estágios iniciais, pode ocorrer abortamento, e nos estágios finais, pode ocorrer desenvolvimento anormal do sistema nervoso central.

Não se tem uma etiologia da hidranencefalia definida com clareza, contudo algumas hipóteses sugerem isquemia vascular, infecção viral, e também origem hereditária, causada por um gene recessivo autossômico⁵.

Não houve acompanhamento subsequente do caso, nem retorno do proprietário para avaliação pós-tratamento.

Este relato de caso enfatiza a necessidade de uma avaliação precoce das fêmeas gestantes, realizando um acompanhamento veterinário especializado, pois as gestações demandam cuidados especiais, monitoramento mensal e a partir do sétimo mês, as mesmas devem ser mantidas em baias ou piquetes maternidade para que a observação dos partos seja facilitada em atendimento aos atuais conceitos de bem-estar animal e boas práticas aplicadas para os animais de produção. O acompanhamento gestacional, apesar de ainda ser restrito àquelas com maior valor genético, possibilita a rápida intervenção nos casos de distocias, como a hidranencefalia, permitindo uma melhor preparação para o manejo de complicações, vista a sua complexidade e particularidade, resultando em maiores chances de sobrevivência da matriz e sua viabilidade reprodutiva. Por isso, reduzir o tempo entre a decisão e o ato de intervir em partos complexos através de

manobras obstétricas conservadoras ou cirúrgicas é ponto irrefutável sobre as taxas de sobrevivência⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Condições ligadas a malformações fetais impõem desafios de manejo clínico e saúde dos animais envolvidos, portanto o sucesso na estabilização da mãe durante e após o procedimento é crucial para garantir uma rápida recuperação e reduzir a incidência de problemas reprodutivos futuros com tratamento adequado. A falta de diagnóstico precoce desta patologia incomum, muitas vezes confirmada apenas por necropsia do feto, e as particularidades anatômicas da via fetal das fêmeas de equídeos que facilitam o parto, justificam a maior ocorrência de distocias de origem fetal. Este caso, entre outros relatos escassos, reforçam a importância da educação continuada e pesquisas voltadas para a saúde reprodutiva de asininos. Tais estratégias são essenciais para aprimorar as técnicas de diagnóstico precoce, melhoramento genético e manejo clínico dessas condições, bem como prevenir complicações posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. OCTAVIANO, JULIANA IZZO. **Predição de partos gestantes de produtos muares e clones equinos**. 2021, 55 pág. Reprodução Animal- Universidade de São Paulo, 2021
2. COELHO, POLYANA G. B.; BENJAMIN, Laércio A.; MACHADO, Thiago P.; FERNANDES, Ludmila S.; ANDRADE, Eveline C. **Revisão sobre aspectos reprodutivos de jumentas (Equus asinus)**. *Ciência Animal*. Viçosa. Vol. 21(2), Pág. 126-134. 2011.
- 3- CHACUR, Marcelo G. M.; RUEDIGER, Felipe R. ; YAMASAK, Leticia P. **Hidranencefalia bilateral em um potro híbrido: caso obstétrico**. *Semina: Ciências Agrárias*, Londrina. Vol. 35, núm.3, pág.-1389-1394, 2014.
- 4-DEMINICIS, BRUNO .B; MARTINS, CARLA BRAGA. **Tópicos especiais em ciência animal III**, 1ª Ed. Alegre, ES: CAUFES 2014.
- 5-FERREIRA, ANDRESSA S. **Hidranencefalia congênita equina: relato de caso**. *Realeza*, 2021. Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS)
- 6-GANDINI, J. C., RIBEIRO, M. G., SOUZA, D. M. O. M., MARTINS, L. S. A., MOTTA, R. G. **Distocia em éguas - estudo retrospectivo de cinco casos**. *Revista Brasileira de Ciência Veterinária*. Maringá, Vol. 30, núm 2, pág.. 73-79, Abr./Jun. 2023.
- 7-FLORES, GABRIEL V. B.; MOYA CARLA F. **Avanços científicos e tecnológicos nas ciências agrárias**. *Fisiologia reprodutiva básica da égua*. 3ª Ed. Paraná. Atena. 2020.
- 8- REITER, GABRIELA .G. **Revisão da dor e anestesia/analgesia epidural em equinos**. 2011/12. 30 Folhas. *Anestesiologia*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2012.
- 9-MACHADO, Gabriel A.; ARAÚJO, Ana C. S.; MIRANDA, Clarindo A. P.; REIS, Camilla G. P. **Endometrite Equina: Uma revisão de literatura**. *DSPACE Doctum:: Repositorio Institucional*. Teófilo Otoni. 2024-06-13. Disponível em <<http://hdl.handle.net/123456789/4733>> Acesso em: 29/09/2024.